

Augusto Frederico Schmidt  
Hotel George V  
Paris 8e. - France

Paris, 11 de Setembro de 1962.

Meu caro Presidente Juscelino:

Transmitiu-me o Walter Moreira Salles um conselho que vo  
cê me mandou, que fôsse ficando ausente do Brasil por êsses dias.  
Êsse conselho você o formulou num encontro com o Walter por aca  
so no Aeroporto. Não foi essa, porém, a única notícia sua que re  
cebi. Contaram-me que você havia declarado à "Última Hora" que  
não tinha nenhuma ligação com a minha viagem aos Estados Unidos .  
Pedi-lhe o "O Globo" que explicasse a razão dessa declaração e  
você ao Roberto Marinho informou que iria falar comigo. Compreen  
do que não seja muito agradável parecer-lhe que está ligado comi  
go neste momento. Creia que, apesar da minha viagem aos Estados  
Unidos ter em parte ligação com a mudança da "Aliança para o Pro-  
gresso" e sua participação, não disse a ninguém, nem no Brasil  
nem nos Estados Unidos, que representava o seu pensamento ou coi-  
sa parecida. Se fôr conveniente, darei à imprensa declaração que  
deixe bem nítida a sua nenhuma ligação comigo nessa viagem.

Quanto ao recado que você manda pelo Walter mais uma vez  
sou grato à sua atenção comigo mas quero dizer que estou de qual-  
quer maneira me desembaraçando de alguns compromissos bastante  
graves que tenho aqui com a Yêdda e outros a fim de voltar ao Bra-  
sil o mais depressa possível, para correr todos os riscos, não dí  
go isso por bravata nem por valentia, mas porque me é muito mais  
fácil viver as aflições ai no Brasil do que passar descansado em  
hotéis de luxo, em teatros e cinemas os dias utilitivos que a na-  
ção brasileira está vivendo. Não tenho o menor gôsto em presen-  
ciar o espetáculo deprimente que se está passando no Brasil mas  
qualquer coisa para mim é mais suave do que uma ausência que me  
sacrifica qualquer paz de consciência, qualquer tranquilidade e  
não me permite sequer conciliar o sono de noite.

Sei bem onde você está, o que está defendendo, e lamento  
dizer-lhe que estamos em posições completamente antagônicas. Acho  
que essa brincadeira de generais nacionalistas empregados para  
pressionar o Congresso poderá ter os resultados mais trágicos e  
negativos. Considero a presença de Jango no poder a maior prova-  
ção oferecida ao povo brasileiro, tudo que êle é, o que represen-  
ta, os homens de que se cerca, os métodos de que emprega, a sua  
total ausência de espírito público me causam horror. Neste momen-  
to em que lhe escrevo estou a par inteiramente da gravidade das  
coisas que se estão passando na administração do país. O Brasil  
está sendo saqueado, massacrado; um grupo dos mais inedôneos mo-  
ral e mentalmente domina nosso país; a faca se estende a todos os

momentos. Todos os postos onde estão situadas as administrações do patrimônio brasileiro estão sendo entregues a figuras que você muito melhor do que eu conhece. Poderei eu edificá-lo com histórias e mais histórias, aliás, você era o primeiro a me informar e a indignar-se com o que estava passando alguns meses atrás.

Pergunto-lhe se a mudança de parlamentarismo para presidencialismo modificará essa trágica situação de predomínio dos mais ineptos e dos mais inadequados, êsse bando de homens que você teve de manter no seu Governo o quanto possível afastado, pergunto-lhe se será convertido pela mudança de forma parlamentarismo-presidencialismo. O ponto de vista que você adotou é de que os fins justificam os meios, qualquer coisa serve, até uma ditadura compacta do Jango e do seu bando para o efeito de devolver ao Brasil o sistema presidencial. E êsse pode ser um ponto de vista de um político mas não é nem será jamais o meu. Tôda nossa moral cristã se sustenta, no fundo, nessa coisa simples de que os objetivos não autorizam o uso de quaisquer processos, ou seja, de que os fins não justificam os meios. Foi isto que sempre sustentamos, era isto que você denominava lei moral quando combatemos juntos na aurora da sua candidatura e nos sete terríveis meses do Jânio Quadros.

Em memória das lutas passadas tenho retardado bastante uma definição minha a seu respeito, não queria esquecer como não quero até hoje a maneira com que você procedeu comigo e a paciência que teve, mas agora já estou sofrendo demais por não dizer-lhe que a sua posição está absolutamente errada à luz da sua própria ação pública. Nada justifica, nem mesmo "65 com Juscelino", que se pactue com a degradação de nosso país e êle está sendo degradado. Os seus 50 anos em 100 estão completamente ultrapassados pelo recuo de 100 anos num só que é a meta já cumprida pelo seu amigo João Goulart. Considero o próprio João Goulart infinitamente mais grave do que o problema parlamentarista. O Brasil não poderá suportar a ditadura de um homem mal cercado e que além de nada saber está compreendido na categoria daqueles que não podem aprender também. O Brasil está agravado internamente e externamente e não me parece solução de nenhuma espécie dar-se mais fôrça ainda a quem já tem tôda e que reina sobre a desagregação e a falta de resistência moral da nação. Eu não concibo o Jango como um homem perverso ou que esteja se exercitando na vingança e no mal por puro prazer, mas sei com segurança que é uma figura a tal ponto calçada de erros, tão alheia aos interesses nacionais que a sua presença constitui uma ameaça à nossa nação, à sua unidade e sobrevivência.

Acho o domínio Brizola o fim de tudo. A nota do Governo atacando o Lacerda e a posterior declaração de Brochado de que Brizola se limita a exercer o seu direito de Deputado em campanha são documentos bastante significativos, símbolos da hora em que estamos vivendo. Minha formação, o meu desinteresse pessoal e o amor do meu país não me permitem aceitar isso de maneira risonha e tranquila. Estou lhe dizendo isso para que você saiba bem que eu hoje não lhe mereço e nem posso merecer a mesma confiança antiga.

Peço-lhe apenas que você guarde no seu espírito que não estou separado de você para aderir a poderosos mas para ficar com os mais ameaçados e com as vítimas futuras e principalmente para não abandonar a vítima maior de todas que é o Brasil. Quando você deixou o Governo e foi arrastado ao pelourinho pelo Jânio eu estive a seu lado, com alguns poucos, muito poucos, vivi a sua ausência com toda a dedicação. Os que hoje são seus aliados estavam ao lado do referido Jânio e procuravam tripudiar sobre você. A minha posição foi bastante nítida e dedicada. Peço-lhe que não se esqueça disso, isto é, se alguma coisa lhe posso pedir.

Consulto você se esta carta pode ser divulgada. Imagino que ela terá um certo interesse para que os seus amigos tenham a satisfação de o saber politicamente separado de mim. Não farei nada porém sem o seu consentimento.

Peço-lhe que receba o meu abraço e as expressões da minha amizade pessoal.